

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

NOVO MUNDO

ARTE CONTEMPORÂNEA
NO TEMPO DA PÓS-MEMÓRIA



"Novo Mundo – Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória "

António Pinto Ribeiro

2021, Edições Afrontamento | Memoirs

[link](#)

DOSSIER IMPRENSA



19 julho 2021 | "África na Europa: Dino de Santiago é português? É. E é cabo-verdiano? É. O que é uma obra afropolitana?" | **Expresso**

<https://expresso.pt/podcasts/africa-agora/2021-07-19-Africa-na-Europa-Dino-de-Santiago-e-portugues-E-E-e-cabo-verdiano-E-O-que-e-uma-obra-afropolitana--21accc25>

África na Europa: Dino de Santiago é português? É. E é cabo-verdiano? É. O que é uma obra afropolitana?

19 JULHO 2021 11:00

Cristina Peres

Jornalista de Internacional

João Luís Amorim

Sonoplasta

África está na Europa, nas Américas, no mundo todo, tem uma diáspora global. Quem assim transporta o continente são os artistas na condição da pós-memória contribuindo para a reescrita da História da Arte. E esta vai certamente influenciar a reescrita da História da Europa e de África

O panorama artístico da atualidade está povoado por obras de criadores que cresceram num lugar físico onde encontraram referências inspiradoras de outros espaços. Influências familiares e memórias diferidas de África contribuem para a singularidade de duas gerações de protagonistas que produzem o que de mais refrescante se cria artes visuais, música, teatro, dança cinema e fotografia.

São os chamados **artistas na condição de pós-memória** e constituem uma parte grande das artes europeias contemporâneas.

António Pinto Ribeiro, programador e académico, acaba de lançar o livro intitulado "Novo Mundo - Arte Contemporâneo no Tempo da Pós-Memória", fala-nos sobre estas **gerações de artistas contemporâneos cujas memórias diferidas desafiam a definição da geografia que lhes serve de inspiração.**

O podcast "África Agora" é da autoria da jornalista **Cristina Peres** e contou com a edição multimédia de **João Luís Amorim**.

Tal como acontece com "O Mundo a Seus Pés", o podcast "África Agora" aborda as grandes questões e as mega tendências de interesse global, voltando a análise para o futuro. "África Agora" é um podcast quinzenal e pode ser ouvido no site do Expresso, em Apple Podcasts, Soundcloud, Spotify ou qualquer outra plataforma de podcasts.

15 set 2021 | “Livro de António Pinto Ribeiro aborda narrativas de artistas com revisão do colonialismo” | **Jornal de Notícias**

jn.pt/artes/livro-de-antonio-pinto-ribeiro-aborda-narrativas-de-artistas-com-revisao-do-colonialismo-14123444.html

Artes/Etc

Livro de António Pinto Ribeiro aborda narrativas de artistas com revisão do colonialismo



António Pinto Ribeiro | Foto: Gustavo Bom/ Global Imagens

O investigador António Pinto Ribeiro lança quinta-feira, em Lisboa, um livro baseado em depoimentos de artistas europeus que espera virem a ser um contributo para compreender melhor as suas obras, com narrativas "que fazem uma revisão do passado colonial".

O livro tem como título "Novo Mundo -- Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória" resulta de um trabalho de pesquisa com quase três anos, propondo uma releitura das narrativas da História da Arte e um olhar sobre estas gerações de artistas, a maioria deles com memórias de afro-europeus.

Escrito no contexto do projeto de investigação "Memoirs - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias", a obra consiste numa seleção de 13 depoimentos escolhidos

por António Pinto Ribeiro em mais de uma centena de artistas entrevistados que nasceram na Europa ou foram, ainda crianças, viver para o continente.

"Há histórias ressentidas, traumáticas, de tudo um pouco, que têm a ver muito com as experiências de cada agregado familiar. Cada artista pegou nessas histórias de forma diferente, alguns muito a sério, que usam como material de trabalho fundamental, outros procuram arquivos, vão aos países de origem, fazem uma revisão das histórias coloniais, procurando as narrativas dos países colonizados e não do colonizador", descreveu o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, contactado pela agência Lusa.

António Pinto Ribeiro considera que as narrativas que ouviu destes artistas, de várias nacionalidades, incluindo portugueses, revelam "uma diversidade de pontos de vista muito rica" que constitui "contributos muito novos para o futuro", por parte de "pessoas que estão a renovar a História".

Estas posturas de criação de novas narrativas descolonizadoras "está a ser expressa neste momento nos grandes encontros e fóruns europeus de arte contemporânea, e é uma presença que já não é passível de ser ocultada", salientou.

Nas narrativas, António Pinto Ribeiro percebeu que o género, a idade, a cultura de origem, a história do país, "também influencia muito a prática artística e a perspetiva, visível em artistas de múltiplas áreas", desde o cinema, o teatro, a música e as artes visuais.

O livro aborda a produção artística contemporânea, "e como a mesma deve ser repensada a partir dos estudos pós-coloniais no atual contexto da arte contemporânea europeia".

O investigador concluiu que os artistas que entrevistou "fazem dois tipos de descolonização: um de descolonização dos países originais, dos seus pais e avós, num trabalho sobre a narrativa do colonialismo português, inglês, belga ou da Argélia; e outro, muito inovador, sobre a descolonização no interior da Europa, onde se encontra um conjunto de traços, clichés, de pontos de vista, de temas curriculares, das universidades, das escolas e das museografias".

Depois de conhecer estas múltiplas narrativas e perspetivas, Pinto Ribeiro encontrou uma certeza: "Ninguém tem propriedade sobre a memória, não há uma memória histórica que seja um padrão ou propriedade de alguém".

Com chancela das Edições Afrontamento, o livro vai ser lançado na quinta-feira, às 18:00, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, com apresentação de Dino D'Santiago e Margarida Calafate Ribeiro.

03 outubro 2021 | Entrevista a António Pinto Ribeiro acerca do lançamento do seu novo livro intitulado "Novo Mundo - Arte Contemporâneo no Tempo da Pós-Memória" | Coffeepaste

<https://coffeepaste.com/antonio-pinto-ribeiro-entrevista-2/>

António Pinto Ribeiro – Entrevista



3 DE OUTUBRO, 2021 POR COFFEEPASTE

O nosso entrevistado de hoje é o investigador António Pinto Ribeiro. Conversámos a propósito do lançamento do seu mais recente livro, “Novo Mundo – Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória”, que propõe uma releitura das narrativas da História da Arte e um olhar sobre as gerações de artistas em condição de pós-memória, a maioria deles com memórias de afrouropeus. Falou-se das origens do livro e do conceito de Pós-Memória, do perfil dos artistas representados no livro e seus eventuais pontos em comum, de um renascimento europeu nas artes, e de muito mais.

Vídeo aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=sGjCg8l1EX4>



03 out 2021 | António Pinto Ribeiro: "Há provas evidentes de racismo, mas não há racismo sistémico em Portugal" | **Observador**

<https://observador.pt/especiais/antonio-pinto-ribeiro-ha-provas-evidentes-de-racismo-mas-nao-ha-racismo-sistemico-em-portugal/>



O investigador garante que a Europa ainda tem pensamento colonial e defende a devolução de bens a ex-colónias. Sobre o Museu da Descoberta proposto por Fernando Medina: "Anacrónico e muito infeliz."

03 out 2021, 15:2229

Bruno Horta
Texto

Filipe Amorim
Fotografia

A Europa construiu uma história da arte sem nomes importantes da África e descreve a história do pensamento sem referências a filósofos africanos. Na opinião de António Pinto Ribeiro, estes exemplos mostram que o Velho Continente ainda não descolonizou mentalidades, apesar de já não ter colónias. O processo de descolonização “vai demorar anos, mas é absolutamente irreversível”, acredita o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.



ENTREVISTA

António Pinto Ribeiro / Historiador, curador e programador cultural

O antigo director artístico da Culturgest e coordenador do extinto Próximo Futuro da Gulbenkian sustenta que a Europa continua a alimentar o imaginário colonial e defende que a devolução de obras às ex-colónias seria um "ponto fundamental" para a convivência pacífica entre países. Agora abre mais um capítulo dessa reflexão com "Novo Mundo", livro em que convoca artistas que, a partir da Europa, têm proposto novas leituras sobre o colonialismo

"Continuamos a olhar para África como se olhava nos tempos coloniais"

Ricardo Ramos Gonçalves
ricardo.goncalves@novolaplanews.pt

É um olhar para o futuro que não esconde as marcas do passado. Para o seu novo livro, "Novo Mundo: Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória", António Pinto Ribeiro convocou 13 artistas europeus cujas obras estão ligadas ao passado colonial dos países onde se formaram: Portugal, França e Bélgica. A partir dos vestígios desses três antigos impérios coloniais, encontrou as vozes de artistas que, afro-descendentes ou não, têm vindo a trilhar caminho num processo de descolonização que diz ser "irreversível" e "que vai atingir todos os aspectos da vida quotidiana".

Em "Novo Mundo", reúne artistas cuja obra produz um olhar sobre o passado colonial dos seus países. Como é que este passado se torna um mapa de referências para estes artistas?

No caso destes artistas, isso

decorre do facto de serem, na maioria, pessoas de segunda e terceira geração, oriundos das ex-colónias dos impérios belga, português e francês, que nasceram na Europa ou, se não nasceram, vieram relativamente novos, acabando por fazer a sua formação artística e académica em escolas europeias. Certo é que estiveram sempre num espaço *in between*, entre o território dos pais e avós, aprendendo deles as línguas originais e alguns costumes, e as escolas europeias. Um aspecto muito interessante e que de alguma forma resolve um certo conflito que existe entre os historiadores mais conservadores dos estudos da memória é que a maioria destes artistas recorre aos arquivos. Não é apenas uma questão de memórias subjectivas ou dissonantes, mas de apuramento de factos.

Tem-se debruçado sobre a análise destes fenómenos. Como é que chega a este livro?

O livro é herdeiro de um trabalho de três décadas, que começou quando ainda era director artístico da Culturgest e comecei a trabalhar nestas questões não europeias, em particular em relação à África e à América Latina contemporâneas. Passou depois pelo programa Próximo Futuro, da Gulbenkian, do qual fui comissário e que já reunia artistas cujo trabalho tem a ver com estas problemáticas. Finalmente, a terceira herança vem do facto de fazer parte do grupo de investigadores sediado em Coimbra, o Memoirs, cuja missão para os investigadores, independentemente das suas áreas disciplinares, é trabalhar sobre os estudos da memória, o que me permitiu entrevistar muitos artistas. Tenho dados que me deram que de outra forma não conseguiria apreender.

Encontrou dificuldades nesse trabalho de campo?

A falta de um quadro teórico, porque são artistas que estão hoje no circuito internacional, mas

bastante novos e, por isso, não têm ainda uma carga histórica, o que me levou a ter de ser eu a construir essas narrativas. Essa é a parte mais difícil e ao mesmo tempo desafiante. Não havendo um *corpus* teórico e crítico sobre este tipo de pulsão artística, das duas, uma: ou me baseava no *corpus* teórico histórico europeu, demasiado eurocentrista, ou o construiria a partir do que eles me deram e recorrendo a textos e a obras já de origem africana, que são os textos mais interessantes actualmente em questões de descolonização.

Como foi o processo de escolha destes 13 artistas?

Na base de dados que o Memoirs tem vindo a construir foram já inventariados cerca de 300 artistas e cerca de mil obras. No caso do livro, conhecia já muitos destes artistas. Achei que era importante ter artistas de vários géneros artísticos e dos três antigos impérios que já referi.

Fala de pós-memória não só como uma categoria estética ou género artístico, mas como uma condição, uma espécie de lugar-comum.

O conceito originário é de Marianne Hirsch, que o trabalhou a partir dos testemunhos das pessoas que estiveram em campos de concentração. O que a autora diz é que as nossas experiências biográficas decorrem das experiências dos nossos antepassados que sofreram situações de trauma e de violência e elas traduzem-se necessariamente nas memórias que transmitimos, que não são necessariamente lógicas e que têm uma dimensão de latência consciente ou subconsciente.

Daí que se fale numa experiência "transferida em diferido".

Exactamente. Não se trata de uma passagem de memória, como quem diz "toma lá a minha memória".

Por parte destes artistas, há uma ideia de perda de identidade ou existe uma procura através de vestígios desse território originário?

Que reflectem sobre a identidade, sim. Que sentem que há uma perda de identidade, não. O que acontece, e eles dizem-no, é que muitas vezes estão nos dois lados. Todos eles se afirmam como artistas europeus, mas por exemplo o Dino [d'Santiago] diz: "Sou europeu e 100% cabo-verdiano". Há também o caso do John K Cobra, que nasceu no Congo, é filho de pai belga flamengo e de mãe congoleza negra que veio para a Europa. Sente não só que está no meio de

qualquer coisa, entre a Bélgica e o Congo, como também no meio de brancos e negros. Isso não se traduz necessariamente numa perda de identidade ou num sofrimento, mas num tema inevitável de trabalho nas suas obras. A diversidade de temas é, aliás, um dos aspectos mais ricos na produção destes artistas.

Mas a memória pós-colonial explica muitas das temáticas das obras destes artistas?

Como são um conjunto de pessoas que, por via exactamente da transferência de memórias, têm no seu historial pessoal questões relacionadas com o trauma do colonialismo e com o trauma da violência exercida, isso traduz-se nas obras, de forma mais ou menos subtil. Mas passamos muito a ideia de que as questões coloniais são estritamente africanas ou sul-americanas, o que é uma falácia. Há uma questão colonial e pós-colonial, que tem a ver com as independências desses territórios, mas há outra questão central, que





“

Há uma questão colonial e pós-colonial, que tem a ver com as independências dos territórios, mas há outra questão central, que é a colonização que existe na Europa ainda hoje”

O Ministério da Cultura, o Instituto Camões e a CPLP devem ter um papel aqui?

Terão de os desenhar, mais tarde ou mais cedo, e terão de interferir neste processo. Não podem ficar à margem. Basta ver como o Goethe Institut ou o British Institut trabalham nestas áreas.

Em Portugal chegou a ser levada ao Parlamento por Joacine Katar Moreira uma proposta sobre a possibilidade da devolução de obras de arte trazidas das colónias. Tem uma opinião sobre isso?

Tenho a opinião que outras pessoas que trabalham sobre estas questões têm, nomeadamente depois do relatório Sarr-Savoy, que diz que as obras de arte e de culto, os arquivos e os restos mortais devem ser devolvidos aos estados que hoje são herdeiros das nações de onde foram expropriados. Parece-me um ponto fundamental, até para uma questão de convivência pacífica entre nações e povos. Ponhamos a coisa ao contrário: se um determinado país se apropriasse dos bens que nos dão identidade, com certeza que teríamos a obrigação e o imperativo de os reclamar.

Em que ponto é que está hoje o projecto Memoirs?

Durante cinco trabalhamos em diferentes frentes, publicámos dezenas de artigos em revistas internacionais. Cada um de nós escreveu pelo menos um livro e vamos ter agora uma exposição, “Europa, Oxalá” [inaugurada dia 19 em Marselha e em Lisboa a 3 de Março], que envolve três dos principais museus europeus: o Museu Gulbenkian em Portugal, o Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo, em Marselha, e o African Museum (antigo Royal Museum), na Bélgica, que é hoje um paradigma desta transformação na museografia.

DIANA TINOCO

é a colonização que existe na Europa ainda hoje. Na Europa vivemos todos os dias com conjuntos de imaginários que são de origem colonial. Se repararmos nos nossos livros de História e nos currículos das universidades, os livros que ali aparecem ainda mantêm narrativas coloniais. A toponímia das nossas cidades ainda está muito marcada pelo imaginário colonial. Parte substantiva dos média está marcada profundamente por um discurso em que a questão africana é uma questão menor ou

subalternizada. A maioria dos jornalistas em Portugal não faz a mínima ideia do que é a África pós-colonial. Não conhecem a economia verde, a produção artística ou científica desses países e continuam a olhar para África como se olhava nos tempos coloniais.

No caso português, há sinais positivos de uma descolonização institucional?

Como é bastante comum, dada a nossa condição periférica, os debates chegam cá muito tarde, mas já se iniciaram e há hoje um conjunto de pessoas que tem escrito sobre isso. Não é por acaso que há vários artistas portugueses neste livro. É um debate que vai demorar anos, mas é um processo irreversível. Do meu ponto de vista, é um processo completamente progressivo, que vai atingir todos os aspectos da nossa vida quotidiana. **O 25 de Abril ter ainda menos de 50 anos enviesa esse princípio de debate?**

Enviesa, por duas coisas:

primeiro, porque, na maioria dos casos em África, as independências dos países aconteceram na década de 60, portanto todos eles tiveram mais tempo para produzir conhecimento e crítica, ao contrário de nós; por outro lado, nos anos imediatamente a seguir à Revolução houve um grande tabu sobre a questão colonial. Verdadeiramente, o debate em Portugal só começou no final da década de 1990.

Mais facilmente cabe aos artistas essa abertura de diálogo, sobretudo junto das gerações mais jovens?

Há hoje um conjunto de intelectuais e de historiadores que trabalham sobre este tema, mas o seu universo de auditores é mínimo, ao passo que um Francisco Vidal, uma Zia Soares ou um Dino d'Santiago têm um impacto muito maior na diversidade, não só nos públicos que já estão interessados nesta questão. Os artistas tornam-se mais capazes de ultrapassar

defesas do que se for um intelectual a fazê-lo. Creio que parte substantiva do impacto que pode ter essa descolonização terá necessariamente de passar por estes artistas.

No caso dos museus, o que pode ser um manual de boas práticas para o futuro, para desfazer as dúvidas que muitas instituições têm ao apresentar estes artistas?

Acho que ter dúvidas já não é mau. É um bom princípio. Com as referências internacionais que trabalham este tema e a facilidade com que hoje as pessoas comunicam, creio que a chamada descolonização da museografia e dos museus pode avançar. Já há sinais de que isso acontece.

Começa também nos decisores políticos?

Sobre decisores políticos tenho algumas reservas. Acho que respondem muito aos anseios que supostamente existem nas maiorias e arriscam pouco.

NOVO MUNDO: ARTE CONTEMPORÂNEA NO TEMPO DA PÓS-MEMÓRIA
De António Pinto Ribeiro
Edições Alentejano



MIGUEL MANSO

Livros

Ensaio

A condição da pós-memória

13 ensaios e um prefácio que enquadra teoricamente perfis e heranças dos artistas da chamada “pós-memória”.
Marta Lança

Novo Mundo: Arte Contemporânea no tempo da pós-memória

António Pinto Ribeiro
Edições Afrontamento



Na conferência inaugural do fórum Estado do Mundo, em 2006, Homi Bhabha reafirmaria, segundo António Pinto Ribeiro,

“uma premissa dos estudos póscoloniais, a saber, a importância da dimensão biográfica na constituição de um discurso e a importância política da biografia.” O percurso biográfico dos artistas de *Novo Mundo: Arte Contemporânea no tempo da pós-memória* recai nos critérios de escolha do autor, o programador António Pinto Ribeiro, assim como são relevantes a diversidade de géneros, a pertinência das obras “na atual paisagem afropolitana” e, ainda, o facto de serem artistas da “pós-memória”. Pós-memória será a condição de quem partilha experiências traumáticas não directamente vivenciadas, transmitidas em ambiente familiar de modo profundo.

A segunda e terceira geração de origem de países ex-colonizados ou artistas intrigados pela questão colonial são enformadas e afectadas por tais memórias “em diferido”, neste caso por processos de descolonização, guerras, migrações, e daí retiram a matéria para a sua produção artística. O livro transita pelas estratégias de cada artista e recupera e problematiza essas memórias. Como ressignifica arquivos pessoais ou institucionais, a forma como são narradas as identidades híbridas e compósitas, trazendo a lume as contradições da modernidade e do cânone europeias. Se é verdade que as heranças culturais destes artistas contribuem, em tensão e perspectivas, para o cosmopolitismo da Europa, também nos revelam as várias



António Pinto Ribeiro é investigador do Centro de estudos Sociais de Coimbra, no projecto *Memoirs – Filhos de Império de Pós-Memória Europeia*

faces da dita interculturalidade europeia. O indagar destas abordagens comparticipa no “dever de memória” de Primo Levi, ou seja, na vontade de transmitir às gerações futuras o contexto para os testemunhos doridos.

António Pinto Ribeiro é investigador do Centro de Estudos Sociais, de Coimbra, no projecto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memória Europeia*, dirigido por Margarida Calafate Ribeiro, do qual resultam centenas de artigos, publicações, entre os quais este livro e *Não dá para ficar parado: Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança*, do jornalista Vítor Belanciano. *Memoirs* é um projecto tão abrangente como urgente, e envolveu 120 entrevistas a artistas “da pós-memória” que vivem em Portugal, na Bélgica e em França, e a realização da exposição *Europa Oxalá* inaugurada a 19 de Outubro em Marselha, com co-curadoria de Pinto Ribeiro e que, segundo o próprio, assinala “o momento ideal para desobstruir o mito colonial e a melancolia pós-colonial designados como ‘arte africana’”.

Desde 1992, como director artístico da Culturgest, da Fundação Gulbenkian e como

curador da capital Ibero-Americana, Pinto Ribeiro singulariza-se na programação cultural portuguesa pela sua astúcia em trazer o que de mais estimulante se produz e pensa nas culturas do mundo, com especial atenção para África, América Latina e suas diásporas. Emblemático desta mediação cultural foi o impactante programa *Próximo Futuro* (2009-2015).

Na mesma linha de valorizar vozes pulsantes é na Europa crioula, sem desprezar as tensões e violências de uma região que se tomou por universal, que os artistas do Novo Mundo se encontram. O livro é composto por 13 ensaios e um prefácio que enquadra teoricamente os diversos perfis e contextos artísticos. Em muitos deles encontramos manifestações de afropolitanismo, defendido por Achille Mbembe enquanto movimento cultural que faz de África o ponto de encontro de distintos movimentos migratórios. Quanto a essas manifestações afropolitanas, Pinto Ribeiro indica que “só podem acontecer em contextos de liberdade e num processo de descolonização europeia”.

E lemos sobre as descobertas

caboverdianas e a reinvenção da música de Dino d’Santiago, o trabalho de Délio Jasse sobre documentos e a imagem colonial, a força dos retratos e das ligações mapeadas por Francisco Vidal, a multidisciplinaridade do artista congo-flamengo John K. Cobra, a infância argelina nas fotografias de Louise Narbo e no cinema confessional e sussurrante de Amalia Escrava, que aborda os dramas do êxodo dos *pieds-noirs*. Também de origem argelina, os filmes de Fátima Sissani dignificam as guerrilheiras da Frente de Libertação da Argélia, a amizade, ocupam-se dos sentimentos de exclusão das imigrações em Paris, da língua como instrumento de poder e resistência cultural, do reivindicar de várias culturas e identidades: francesas, argelinas, malianas?

No belíssimo ensaio sobre Margarida Cardoso fica declarada, de *A Costa dos Murmúrios* (2004) a *Understory* (2019), a coerência de uma realizadora que afirma não ter qualquer “sedução por África, [a quem] interessam mais as relações coloniais... onde as pessoas têm um determinado lugar”. Uma instigação movida, segundo Pinto Ribeiro, pelo “espanto, a estranheza, o enigma de uma situação”. Cardoso foi atrás dos arquivos e do “nascimento” do cinema em Moçambique e das várias violências da situação colonial e da guerra: emocional, a exploração da natureza, os conflitos e expectativas do pós-independência. Igualmente empolgante é acompanhar a caminhada do grupo Teatro Griot, desde 2009 filiado num “processo desobediante de se apoderar de textos canónicos e deles extrair a diversidade possível de interpretações e resoluções”. As experiências de encenação posicionaram “artisticamente este teatro como uma identidade emergente, híbrida, do africano e do europeu (ou do africano europeu?)”. “O resto vem conosco, vem com aquilo que somos”, diz a certa altura a atriz e encenadora Zia Soares. Seguimos ainda os procedimentos artísticos da performer e escritora Ana Mendes, de Nuno Nunes-Ferreira, de Katia Kameli ou de Aimé Mpane.

Ao longo dos capítulos somos brindados com preciosas informações e sequências de referências, nas áreas do teatro, cinema, fotografia, a genealogias sobre os temas pós-coloniais, assim como ao enquadramento histórico e social das migrações. Porque é que analisar as tendências da arte ajuda a pensar o momento que vivemos? Porque estes projectos artísticos insistem em revistar e desconstruir narrativas coloniais, em rejeitar a História firmada na monumentalidade e heroicidade, em inspirar-se nos debates ecofeministas, em sublinhar a discriminação, racial e cultural através de histórias pessoais, em investir contra a colonização de

imaginários. Porque o seu modo de produção, de discursividade e de crítica, a educação artística ou as técnicas sincréticas utilizadas, são pistas para perceber o mundo contemporâneo.

O defeito previsível de um conjunto de ensaios é o facto de o autor ir repetindo certas ideias ao longo dos textos. É o caso das descrições do conceito de pós-memória de Marianne Hirsch, e o paradigma epistemológico do grupo decolonial latino-americano (Mignolo, Quijano e Dussel), assim como a ideia reiterada de um pesado silêncio e recalque sobre as guerras coloniais e o colonialismo.

Ficção

Um abismo da depressão

A escrita de Evans é límpida acompanha com brio o desmoronar das relações afectivas. *Helena Vasconcelos*

Pessoas Comuns

Diana Evans
(Trad. Tânia Ganho)
Quetzal Editores



É difícil haver algo mais comum e corriqueiro do que uma história centrada na vida quotidiana de dois casais da classe média, na Londres

contemporânea. Michael e Melissa, Damian e Stephanie são os protagonistas principais deste romance, aparentemente tradicional, ao qual a autora imprime um cunho que podemos associar ao realismo do século XIX. A comparação com, por exemplo, Charles Dickens vem a propósito,



Pessoas Comuns: o processo de afastamento (físico, psicológico, erótico) dos amantes